

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

ALBERTO MAURÍCIO/DIVULGAÇÃO/IC

ARTES CÊNICAS

A humanidade de um gênio

Giuseppe Oristanio dá
vida e voz a Guimarães
Rosa no monólogo
Pormenor de Ausência



Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

Ao completar cinco décadas de trajetória artística, o ator Giuseppe Oristanio, um dos grandes nomes da teledramaturgia e do teatro no País, decidiu presentear a si mesmo e ao público com dois projetos que sintetizam sua maturidade nos palcos. O primeiro foi o lançamento do livro *Sempre existe um porém, a vida é feita de histórias* (2022), obra que reúne memórias e experiências acumuladas ao longo de sua caminhada. O segundo, e talvez mais desafiador, foi a realização de seu primeiro monólogo. *Pormenor de Ausência*, espetáculo dirigido por Ernesto Piccolo, terá sessões em Porto Alegre nesta terça e quarta-feira, às 21h, no Espaço 373 (rua Comendador Coruja, 373). Os ingressos custam entre R\$ 50,00 e R\$ 100,00 e estão à venda na plataforma Tri.RS.

O texto, assinado por Lívia Baião, resgata a alma de João Guimarães Rosa (1908-1967), escritor que reinventou o Brasil através das palavras, e é fruto de uma rigorosa pesquisa de mesclado em arquivos pessoais e cartas do autor de *Grande Sertão: Ve-*

redas, obra que completa 70 anos de sua primeira publicação em 2026. Dissolvendo fronteiras entre biografia, ficção e ensaio historiográfico, a encenação se desenrola como se o escritor tivesse ressuscitado da própria morte para contar o que houve, narrar suas angústias, necessidades e “sandices” criativas. “Eu queria um solo, um trabalho profundamente pessoal, e quando me deparei com esse texto, percebi que tinha algo que ajudasse a manter viva a lembrança de um nome importante para a nossa cultura”, revela o ator, que este ano celebra 54 anos de carreira.

No palco, o que se vê não é o “monumento literário intocável”, mas um homem em conflito. Novembro de 1967 marca o cenário: Guimarães Rosa está às voltas com uma saúde fragilizada e a iminência de sua posse na Academia Brasileira de Letras (ABL). Eleito em 1963, o escritor adiou o rito por quatro anos, movido por um pressentimento místico de que morreria ao assumir a cadeira. Rosa chegou a ser cobrado várias vezes pelo adiamento, mas o temor era real; ele acreditava que “não suportaria” o peso do cargo. O destino confirmou a premoni-

ção: ele faleceu de um infarto fulminante no dia 19 de novembro de 1967, apenas três dias após a cerimônia de posse na ABL.

Em cena, Oristanio encarna o médico, diplomata, escritor e poeta brasileiro consciente de sua genialidade, mas atravessado por inseguranças profundamente humanas. A peça recupera facetas intensas, como o período em que Rosa foi embaixador em Hamburgo durante a Segunda Guerra Mundial e, ao lado de sua segunda esposa, a também diplomata Aracy de Carvalho (1908-2011), salvou diversos judeus da perseguição nazista ao assinar passaportes e vistos clandestinos.

“O espetáculo mostra uma figura próxima ao público, alguém com todas as fraquezas de um homem comum. Ele era muito vaidoso, acreditava firmemente que era o máximo, mas não achava que isso vinha de graça; ele trabalhava muito para conseguir resultados”, afirma o ator. Essa dedicação transparece na pesquisa de campo que Rosa fazia como diplomata em Hamburgo (Alemanha) e durante o período em que foi chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras do Ita-

maraty, cavalgando pelo Sertão para captar a fala ‘raiz’ do povo, e posteriormente misturando o português ao tupi para criar sua linguagem única. “Muitos reclamavam que ele não fazia nada nas expedições e que passava o tempo conversando com os camponeses, mas ele o que ele estava buscando era a essência da comunicação e do pensamento brasileiro”, afirma Oristanio.

Nesse sentido, a montagem igualmente aposta no essencial. O cenário assinado por José Dias é composto de uma mesa, uma cadeira e o fardão da Academia; já o personagem veste um terno e gravata borboleta, além de seus icônicos óculos de grau. O desafio de Oristanio foi dar fluidez a esse vocabulário inventado, tornando-o orgânico. “Dizer esse texto e fazê-lo inteligível é fruto de muito treino. A palavra-chave é ‘verdade’, sem medo de mostrar um homem com todas as suas fraquezas e genialidades, com tudo que compõe todo ser humano.”

“Ele morava no Arpoador, no Rio de Janeiro, mas dizia que se sentia ‘pequeno’ como a cidade onde nasceu: Cordisburgo (interior de Minas Gerais)”, pontua

Oristanio. No palco, o autor reflete sobre o peso da glória, questionando-se se sua voz falharia no discurso de posse ou se seu coração aguentaria o mérito que julgava não merecer, enquanto lida com a dualidade de sua obra – que, se por um lado foi um fenômeno, por outro sofreu duras críticas de quem não compreendia sua inovação linguística.

Ao levar a peça para o ambiente intimista do Espaço 373, ele celebra a humanização do mito que, segundo descobriu em conversas com os netos do autor (que assistiram à montagem), era um homem divertido e apaixonado por pipoca – detalhe que o ator passou a levar para a cena desde que teve conhecimento. Oristanio comenta que estar a poucos metros da plateia é a forma ideal de honrar o “pormenor” que dá título à peça. “Quanto mais perto do público, melhor”, define. “Conheço bastante o Rio Grande do Sul e tenho muitos amigos no Estado. Estou muito feliz em viver essa nova experiência na capital gaúcha”, celebra o artista, reforçando que este monólogo é um projeto que ele “ama fazer” e que carrega com carinho por onde viaja.